

Arte, política, fé cristã, poesia: um diálogo para questionar fronteiras

Isabella Pichiguelli¹

ORCID: 0000-0001-5001-5313

Resumo: Na sociedade brasileira atual, a religião cristã está no cerne de pautas políticas artísticas-culturais que demarcam divisas e disputas, articuladas midiaticamente. O objetivo deste texto é questionar a constituição desses limites. Para tanto, tomo como premissa a concepção de poesia como essência da arte, buscando pelos pontos de contatos e/ou atritos entre as expressões poéticas e o cristianismo. Como método, utilizo o ensaio, tendo como principais referências Rubem Alves e Adélia Prado, uma vez que suas vidas e obras têm como ponto de partida a religiosidade cristã. O diálogo é feito, ainda, com Paz, Heidegger, Benjamin e Lotman. As principais considerações aqui realizadas apontam para uma série de associações entre poesia e fé cristã, as quais não admitem dogmatismos, tampouco interditos temáticos – o que se contrapõe, portanto, às evocações limitantes, em voga na esfera pública.

84

Palavras-chave: Cristianismo. Arte e Cultura. Poesia. Política.

¹ Doutoranda em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba (Uniso). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Narrativas Midiáticas (NAMI/Uniso/CNPq) e do Grupo de Pesquisa Mídia, Religião e Cultura (MIRE/Intercom).

Abstract: In today's Brazilian society, the Christian religion is at the center of artistic-cultural political schedules that demarcate divisions and disputes, articulated mediatically. The aim of this text is to question the constitution of these limits. Therefore, I take as a premise the conception of poetry as the essence of art, searching for the points of contact and/or friction between poetic expressions and Christianity. As a method, I used the essay, having as main references Rubem Alves and Adélia Prado, since their lives and works have as their starting point the Christian religiosity. The dialogue is also made with Paz, Heidegger, Benjamin and Lotman. The main considerations made here point to a series of associations between poetry and Christian faith, which do not admit dogmatism, nor thematic prohibitions – which is opposed, therefore, to the limiting evocations, in vogue in the public sphere.

Keywords: Christianity. Art and Culture. Poetry. Politics.

Resumen: En la sociedad brasileña actual, la religión cristiana está en el centro de las directrices políticas artístico-culturales que delimitan fronteras y disputas, articuladas en los medios de comunicación. El propósito de este texto es cuestionar la constitución de estos límites. Para ello, tomo como premisa la concepción de la poesía como esencia del arte, buscando puntos de contacto y/o fricción entre las expresiones poéticas y el cristianismo. Como método utilizo el ensayo, teniendo como referentes principales a Rubem Alves y Adélia Prado, ya que sus vidas y obras tienen como punto de partida la religiosidad cristiana. El diálogo también se hace con Paz, Heidegger, Benjamin y Lotman. Las principales consideraciones aquí realizadas apuntan a una serie de asociaciones entre poesía y fe cristiana, que no admiten dogmatismos, ni interdicciones temáticas -lo que se contrapone, por tanto, a las evocaciones limitantes, en boga en el ámbito público.

Palabras clave: cristianismo. Arte y Cultura. Poesía. Política.

Introdução

Esse ensaio tem como objetivo questionar a constituição de divisas e disputas que envolvem a religião cristã e pautas políticas artísticas-culturais, articuladas midiaticamente na sociedade brasileira. Para tanto, utilizo como principais interlocutores o poeta Rubem Alves, que tem como berço a fé cristã de vertente protestante (evangélica), tendo sido pastor de Igreja Presbiteriana; e a poetisa Adélia Prado, publicamente cristã, pela vertente católica.

Especificamente, opto por estruturar o ensaio a partir de uma conversa em que Rubem Alves e Adélia Prado falam sobre poesia e as ligações com a fé cristã, ocorrida em 23 de novembro de 1990, em programa gravado pela RTV Unicamp (RESENDE, 2017). Tal opção tem intuito formal, e não de análise de produto midiático, como será pontuado mais à frente.

A escolha por tecer este ensaio a partir dos apontamentos surgidos na conversa entre Adélia Prado e Rubem Alves não se dá por uma maciça presença midiática ou por uma reconhecida influência dos autores no atual contexto político, mas justamente por partirem da experiência da fé cristã e da poesia. É uma escolha baseada, nesse sentido, nos estudos da Compreensão, que consideram relevantes e importantes os diversos saberes da experiência humana, não apenas aqueles advindos do fazer acadêmico oficial (KÜNSCH et al., 2017).

Exatamente por isso, proponho o ensaio como método – já que nele cabe formular perguntas, sínteses e antíteses, sem necessariamente ter de confirmar ou refutar uma hipótese inicial, mas podendo gerar novas teses (SILVA, 2013). O ensaio é, ainda, caminho propício para superar a divisão entre o fazer científico e o artístico; fragmentação que destrói o campo político enquanto conhecimento compartilhado, elaborado a partir da e para a vida social: “A política é o campo concreto de inter-relações humanas no qual ciência e arte (objetividade e subjetividade) se sobrepõem uma à outra a fim de produzir conhecimento concreto, intersubjetivo” (FLUSSER, 1982, p. 3).

Já a atenção voltada à poesia se dá pelo fato de que, tendo em vista que as referidas divisas e disputas intentam limites sobre o artístico – tomo como premissa a ideia de que a poesia é a essência da arte: “[...] limiar de toda experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um poieín, como um producir” [...] (NUNES, 1986, p. 261).

A inquietação para este texto tem como origem uma pesquisa anterior, em que observei fenômenos midiáticos nos quais a relação entre arte e evangélicos no Brasil é perpassada por conflitos e oposições (PICHIGUELLI, 2019b). Tais contendas têm fundo em um pensamento dualista que opera com separações tais como igreja x mundo, sagrado x profano, presente não só na expressão evangélica, mas nas diversas vertentes do cristianismo (CUNHA, 2017). Recentemente, no Brasil, tal pensamento colaborou para a conflagração do que Dutra e Pessôa (2021) identificam como guerra cultural – em torno da qual se constituiu base de apoio (primeiramente) para a eleição de Jair Bolsonaro à presidência da República em 2018.

Essa guerra cultural², que permanece acionada para angariar apoio à presidência bolsonarista, tem na defesa de uma moralidade/identidade cristã o seu ponto central, expressando-se na luta por interditos à sociedade nos mais diversos campos, como nas mídias e nas produções artísticas-culturais (DUTRA; PESSÔA, 2021) – o que aqui interessa.

A intenção neste ensaio é justamente questionar a instituição desses interditos, e questionar pelo caminho da busca do que pode aplacar tal constituição, especialmente a partir do campo artístico-cultural, pois da arte dependemos para perceber o que está ao nosso redor, conforme Vilém Flusser (2001, p. 10): “Trata-se da elaboração e da comunicação de modelos para nossas experiências concretas do mundo”. Nessa direção, entendo que não só o que está posto precisa ser observado, como também é papel da ciência investigar o que se ausenta (por invisibilidade) das mediações sociais.

Já se sabe, também, de antemão, que há convergências entre a experiência religiosa e a poesia, entre as quais estão os processos de vinculação com o sagrado e entre seres humanos; e de transformação, pela produção de novos sentidos (PICHIGUELLI; SILVA, 2017). Pergunto, pois: se passo a observar uma religião em específico (neste caso, a cristã), as convergências entre poesia e experiência religiosa somem? Quais valorações sobre poesia surgem a partir de um diálogo com a fé cristã? Se fronteiras surgem quando o cristianismo está envolvido em pautas políticas artísticas-culturais, surgem também essas fronteiras sempre que se aproximam as noções advindas da poesia (enquanto fazer artístico) e do cristianismo?

² É importante frisar que tal guerra cultural possui adeptos nas diversas vertentes do cristianismo, inclusive no catolicismo de Adélia Prado e no presbiterianismo, berço de Rubem Alves.

Arranjo para os desarranjos por vir

Como predito, estruturarei este texto a partir da referida conversa entre Rubem Alves e Adélia Prado. Tal organização possui dois objetivos: estabelecer o acesso a tal conversa enquanto referencial bibliográfico disponível à comunidade científica (KÜNSCH et al., 2017); e criar o efeito estético do diálogo – já que se trata de um bate-papo – o que é propício ao ensaio como método (SILVA, 2013).

Seguirei a ordem dos assuntos abordados pelos poetas, entremeando seus pensamentos com inquietações, dúvidas e reflexões. Os tópicos serão divididos, assim, pelas sequências temáticas que surgiram no bate-papo. Tal qual aprendiz atenta aos cozinheiros, acompanharei ingrediente a ingrediente trazidos por eles, sem receita às mãos.

Ressalto que os comentários que farei não pretendem explicar e/ou analisar as palavras ditas por Rubem Alves e Adélia Prado, mas vinculá-las à teia de noções sobre fé cristã e poesia. Serão aqui realizadas associações, e não explicações. Cabe reforçar que as falas dos poetas não serão aqui colocadas enquanto objeto de estudo ou recorte de análise, mas como referências teóricas, enquanto pontos de partida para o diálogo com outros autores.

Nesse percurso, ainda, não limparei as marcas de oralidade, como reticências, *nés*, *tás* ou reformulações de frases. Destacarei, também, com uso do itálico, falas que chamaram atenção durante a transcrição do bate-papo, que falam por si mesmas ou indicam direções a seguir em outros trabalhos por vir.

Esclareço, também, que os cortes promovidos nas falas dos poetas se dão apenas por limitação de espaço. Foram excluídos os trechos que se repetem e/ou não comprometem as declarações sobre poesia e fé cristã. Busquei, assim, realizar o mínimo de cortes possível, pois entendo ser o mais coerente com a perspectiva usada como guia para este ensaio.

Feitas essas observações, que se inicie o diálogo!

Poesia e experiência

Rubem Alves, poeta, psicanalista, teólogo e educador, foi também Professor Emérito da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição que proporcionou, por meio de sua infraestrutura, a gravação do programa que ele, na condição de apresentador, abriu assim:

Rubem: Poesia. A gente vai falar sobre uma coisa que é completamente *inútil*. [...] a beleza da poesia é que a poesia não tem a ver com aquilo que está acontecendo no momento, mas tem a ver com aquilo que acontece sempre dentro da alma da gente. Quando a gente vê a poesia, a gente volta às origens *da própria alma, às origens do próprio corpo*. Na poesia a gente tá lidando com a verdade da gente. [...] A gente vai conversar com Adélia Prado, poetisa mineira, lá de Divinópolis, que sabe sobre essas coisas. Pois é, Adélia, eu queria começar fazendo uma pergunta. Pra você, o que é a experiência poética?

Adélia: Pra mim, a experiência poética... quer dizer, tô falando isso a partir já... quer dizer, agora, depois de que fiz oito livros [...]. Hoje eu descobro que aquilo que eu estava experimentando e sentindo era de natureza poética, eu só sabia assim, eu chamava aquilo de *bondade* [...]. Hoje eu sei que eu estava experimentando realmente um ser. A experiência de natureza poética é a *experimentação do ser*. E isso se confunde... é coisa que também eu liguei mais tarde... *se confunde com a experiência de natureza religiosa*. Então, o experimento da poesia é um experimento religioso, *por causa de ser o experimento do ser. A poesia me revela o ser*. É a coisa mais... vamos dizer mais abrangente que eu sou capaz de falar sobre a poesia. É isso.

A primeira relação que surge é com Heidegger (2002, p. 35), pois para o autor, a obra de arte promove “a patenteação originária do ente no seu ser – o estar a acontecer da verdade”. Na perspectiva heideggeriana, esta patenteação originária está ligada ao ato de nomear³, pois é nesse processo que um ente aparece enquanto tal, ou seja, vem a ser. Trata-se de uma fundação, de uma criação, e justamente por esse motivo, Heidegger (2002, p. 81) afirma que: “Não se pode nunca comprovar e deduzir a verdade que se torna originariamente patente na obra a partir do que tem valido até agora. O que tem valido até agora é, por meio da obra, desmentido no que diz respeito à sua realidade efectiva exclusiva”⁴.

³ Prefiro dizer “está ligada”, no lugar de “dá-se pelo processo de nomear”, por entender que este ato criativo não é restrito à língua (oral ou escrita).

⁴ Considero necessário pontuar que Heidegger escreveu *A Origem da Obra de Arte*, de onde provêm as citações ao autor nesse artigo, entre 1935 e 1936. Após, portanto, o ano de 1934, quando se afastou do partido nazista, ao qual prestou serviços como reitor da Universidade de Friburgo (NUNES, 1986). Ainda assim, não é possível ignorar que as reflexões de *A Origem da*

Ressalto, dessa primeira ligação, a identificação da poesia (obra de arte) como um meio de percepção que desestabiliza visões de mundo até então vigentes. Desse destaque, a partir da fala de Adélia Prado, passo à palavra *experiência* – de natureza poética, experimento do ser – que me instiga por lembrar que Benjamin (1989) contrapõe a experiência (sob o termo *Erfahrung*) à vivência (sob o termo *Elerbnis*), a partir de uma correspondente oposição freudiana entre memória e trauma. Ora, se o trauma, como Benjamin (1989) aponta a partir de Freud, interdita o acesso à linguagem, será possível dizer que a experiência benjaminiana é sempre poética, uma vez que *o ser é palavra*, como dirá Adélia a seguir?

Rubem: Adélia, você fez esse comentário sobre a experiência da bondade, há um texto seu [...], acho que você estava meditando sobre a morte do seu pai, a ausência do seu pai... E depois você disse que fez um verso e de repente *descobriu* que o verso tinha o poder de ressuscitar a presença dele... O poder da palavra [...] Essa experiência da bondade tá relacionada com a experiência da palavra... Que no seu pensamento parece estar ligado à poesia...

Adélia: É, exatamente... Primeiro que *tudo é palavra, né?* Qualquer forma de expressão humana... *O ser é palavra*, aí no caso [...] e essa palavra, no caso da poesia, ela tem um signo verbal, do som, da grafia, etc. [...] Mas quando você tem, por exemplo, a memória de uma coisa que te faz falta, né [...] uma saudade tão... Tão violenta que ela se confunde com uma fome, né, uma fome absoluta, e você é capaz de *resgatar aquilo na palavra*... Então você descansa, você fala: ai, graças a Deus, a pessoa morreu, [...] mas ele está presente aqui, e de forma *muito mais perene, porque a palavra aí no caso ela fica imortal, se ela é realmente uma palavra poética... Então ela fica perene, fresca, imortal*... Então você fala: que bom! Aí eu não perdi nada... Porque há o resgate [...] (BATE-PAPO, 2017).

A possível associação entre a experiência benjaminiana e a experiência poética interessa à medida que permitiria aprofundar não somente as relações entre tempo e poesia – uma vez que já se sabe que há uma ruptura necessária com o tempo midiaticizado, de muitos excessos e acelerações, que pode ser operada pelo poético, bem como pode fazer com que o poético emerja (SILVA; HERGESEL; PICHIGUELLI, 2020) –; mas também apontar as relações entre a própria vida (que se organiza a partir de percepções temporais) e a poesia.

Dessa forma, a experiência benjaminiana poderia falar mais a respeito do caráter desse poético e das possibilidades de compreensão do que seja uma ruptura

Obra de Arte possuem raízes no clássico *Ser e Tempo*, publicado por Heidegger em 1927, antes de sua filiação nazista em 1933. Sem correr o risco de tirar conclusões apressadas ou categóricas, é importante indicar que sua adesão a bandeiras políticas totalitaristas é, frente aos seus escritos, intrigante, para dizer o mínimo.

temporal, já que para o autor, a experiência (*Erfahrung*) não tem somente ligação com o estar-presente no tempo presente, mas também com o passado, com a rememoração (BENJAMIN, 1989).

Rememoro, nesse ínterim, que Adélia fala sobre uma palavra fresca, perene e imortal – uma subversão do tempo – o que também remete à impossibilidade do desgaste na poesia. Por isso, retorno a Heidegger (2002, p. 46): “[...] o poeta usa a palavra, não, porém, como têm de gastá-la aqueles que habitualmente falam e escrevem, mas de tal modo que a palavra só então se torna verdadeiramente palavra e permanece, de forma essencial, a ser palavra”. A partir dessa concepção, é possível pensar que a palavra que se livra do desgaste, capaz de subverter temporalidades, é aquela capaz de resgatar a si mesma da habitualidade e, por isso mesmo, resgatar a nós e a nossos mundos do que é habitual.

Rememorar, para Benjamin (1989), não é apenas lembrar, mera manutenção do que é habitual, mas é dar novos sentidos a algo a partir do presente. Diante dessas costuras, é possível compreender a experiência poética, mais que um evento, enquanto um modo de estar no mundo, (re)fundando e (re)criando saberes que não se desgastam – que não nos são oferecidos como produtos prontos e à venda para consumo –, posto que os geramos, os concebemos a partir de gestações, em outras palavras: a partir de um estar que, na duração de um espaço-tempo, coloca em relações não hierárquicas passado, presente e futuro.

Poesia e busca cotidiana

Outro pensamento que conjecturo, retomando a ideia heideggeriana, é que a poesia, talvez, deixe a palavra ser essencialmente palavra porque só nela a palavra escape do nosso domínio: “Muito há no ente que o homem não consegue dominar. O conhecido continua a ser algo de aproximado e o dominado algo de inseguro” (HEIDEGGER, 2002, p. 52).

Esse escape, o indominável, parece se relacionar a uma falta e a uma fome provocada pela poesia, que leva a uma busca contínua. Assim também aparece no papo entre os poetas:

Rubem: Mas aí tem outro elemento interessante que é o seguinte [...] essa recuperação do perdido, que é também a... Essa é a razão porque a gente nunca se cansa de ler um texto poético. [...] é como um beijo, é como tomar um copo de vinho, você quer repetir sempre... Mas [...] é uma

coisa curiosa, porque me parece que é uma experiência de bondade, de alegria, mas que ela vem sempre misturada com uma certa pitadinha de tristeza, não é não? [...] Porque essa experiência de recuperação é a recuperação de uma coisa perdida... [...] É a volta ao ser, é a descoberta de que nós somos essencialmente saudade... Descobrir a nossa beleza, descobrir a nossa felicidade, é descobrir essa nostalgia por uma coisa que se perdeu e viver na espera do reencontro...

Adélia: [...] É isso mesmo... Porque você resgata... mas a sua fome ela é absoluta... É aquele Santo Agostinho de novo... você fala, fala... E... você ama, ama... Você beija, beija... Mas você quer alguma coisa eterna, que sacie [...] A arte... [...] Qualquer forma de arte, você tem realmente algo do eterno, mas algo dele, e não ele na sua plenitude. Você não se cansa, porque você não se sacia também. Então é uma fome, mas é uma fome infinita...

Rubem: [...] Que a gente não quer que fique saciada...

Adélia: Que a gente não quer que fique, pra de novo, comer aquilo de novo... Deus deve ser uma coisa assim... É uma plenitude que não me sacia, porque a sensação de saciedade... Pelo menos, essa saciedade grosseira que a gente tem não é uma coisa boa. A gente quer sempre um tiquinho de fome [...] (BATE-PAPO, 2017).

A fome leva os poetas a mencionarem o agente erótico da poesia, o que me leva à (re)visão de que, no erotismo, que busca “sensibilizar-sensorializar” por um “texto-corpo, construído através de sinuosidades, jogos de esconder, jogos de explicitar” (SILVA, 2009, p. 44), atuam decisivamente estes jogos, justamente por impedirem o domínio sobre algo que se toma como completo e finalizado (como, por exemplo, os dogmas religiosos intentam fazer com concepções de mundo).

Esses jogos de esconder-explicitar, pois, obstam a autocracia. E promovem, no mesmo ato, uma busca contínua pelo não dominado:

Rubem: Agora deixa eu fazer uma pergunta, já que você falou disso aí... Fazer uma conexão com um elemento que eu acho muito importante na sua poesia que é o elemento erótico... [...] O desejo do amante não é ter uma experiência sexual que seja a satisfação completa... [...] A felicidade não é estar com a barriga cheia e engordar... A felicidade é estar com fome...

Adélia: “Quarenta anos! Não quero a faca nem o queijo, quero a fome”. A fome... A fome é maravilhosa [...].

Rubem: Então você diria que uma das [...] coisas que a poesia faz é exatamente restaurar a nossa fome permanente...

Adélia: Isso... Lembrar que existe uma fome... Lembrar que existe uma comida de outra natureza... Para a qual a minha alma foi criada (BATE-PAPO, 2017).

Curiosamente, é a partir da reflexão sobre o erotismo que Rubem Alves e Adélia Prado começam a comentar mais extensamente sobre as proximidades entre poesia e cristianismo:

Rubem: Mas agora você veja [...] Na tradição espiritual cristã, essa comida de outra natureza tava sempre associada com uma espécie de comida de outro mundo [...] mas pra você essa comida de outro mundo não é comida de outro mundo... O seu de outro mundo é desse mundo, não é não?

Adélia: Exatamente... Porque pra mim a experiência... Pelo menos, o meu desejo é assim... que Deus se inscreva... Ele está inscrito primeiro em mim e depois na sua própria criação [...]. Quando eu falo que eu aspiro [...] pelo Reino de Deus, [...] eu aspiro pelo Reino na sua completude, mas o que eu sei é que ele já está aqui e que eu já posso viver o Reino. Aquilo que a gente tava conversando ontem a respeito da falta de coragem de ser feliz... é exatamente uma incapacidade de já viver o Reino aqui... Porque Deus é fora do tempo, mas Ele está inscrito no tempo, então eu já posso começar a ser feliz. Essa é uma grande aventura, é uma das maiores dificuldades que a gente tem, mas eu acho que é uma das propostas fantásticas que a poesia permite realizar (BATE-PAPO, 2017).

Da conversa sobre um outro mundo desse mundo, rememoro que tanto fé cristã quanto poesia tomam rumo, paralelamente, em direção ao plano da imanência, da cotidianidade, ou ainda, à esfera da transparência.

Transparência, em Leonardo Boff (1992), é termo para falar de uma singularidade do cristianismo, no qual não há distinção entre transcendência e imanência, mas sim uma transcendência dentro da imanência, que parte do cotidiano. Já para Florence Dravet (2014), a transparência está ligada à capacidade da poesia de acessar a realidade das coisas como são, não por suas aparências, que são as representações de mundo que já nos pertencem, mas que acabam por velar nossas visões.

Logo após, Rubem Alves conta que na infância tinha medo do Reino de Deus, pois pensava que a “vida boa” iria acabar, e Adélia Prado demonstra entender o que está ouvindo, porque “a vida é ótima!”. O interlocutor continua:

Rubem: [...] Acho que isso que é o elemento que eu admiro na sua poesia: quando você tá falando de eternidade, você tá falando nessa transcendência, você está falando de do absolutamente cotidiano, porque isso é uma das percepções que o poeta tem... Brecht falava que a percepção poética tem a ver com ser capaz de ver a eternidade num grão de areia... Você vê um sol dentro de um ovo...

Adélia: É claro! [...] Admirar-se do que é natural é o dom dos poetas, dom dos filósofos... Né? Quer dizer... Filósofo é aquele que se admira daquilo que é absolutamente normal... Acho que pra poeta também [...] (BATE-PAPO, 2017).

Os poetas delongam-se um pouco falando sobre a qualidade de assombroso que possui aquilo que é corriqueiro. O que me faz retornar, uma vez mais, ao elemento do que não se domina, presente na poesia.

A voz da poesia

A própria sequência da conversa entre os poetas volta a lembrar que, na poesia, há sempre algo de indominável. Isso porque passam a comentar sobre uma certa independência – ou, minimamente (e com mais obviedade) uma distinção entre poesia e quem declara sua autoria.

Adélia Prado reflete sobre o ato de poetizar, no qual parece atuar algo além das intenções racionais de quem escreve. Rubem Alves menciona um poema da poetisa que fala da experiência de ver a água brotando do fundo de uma mina, e Adélia segue em seu raciocínio:

Adélia: [...] Aí você olha a água tá brotando... E levanta aqueles morrinhos de areia, é divino isso. Quer dizer: *alguma coisa que se faz, à revelia de mim...* Né? Uma coisa nela mesma... Depois você fala: é um lençol d'água, é num sei o que [...] *E a poesia... A produção, a criação de um objeto artístico, aí no caso, quer dizer, ela se apresenta a você e com uma natureza própria de tal forma que você não pode bulir nela, não...* [...] E é uma coisa tão fantástica que se eu destruir um verso disso aqui, eu destruo o poema [...].

Rubem: *Essa é a razão da grande diferença entre a poesia e a prosa... Na prosa, você pode substituir palavras por sinônimos...*

Adélia: Sim, mas na prosa não artística! Porque no romance, se você pega um conto da Clarice... Ou um texto do Guimarães Rosa, *aquela palavra é rigorosamente necessária*, tal qual no poema, tal qual [...] (BATE-PAPO, 2017).

Há poesia sem poemas, mas nem em todo poema há poesia, ensina Octavio Paz, que logo vem à memória, também, por jogar luz sobre uma possível unidade da poesia, não somente na acepção de indivisibilidade, evidenciada acima por Rubem e por Adélia, mas também por uma especificidade: “O poético é poesia em estado amorfo; o poema é criação, poesia que se ergue. [...] É lícito perguntar ao poema pelo ser da poesia, se deixarmos de concebê-lo como uma forma capaz de se encher com qualquer conteúdo” (PAZ, 1982, p. 17).

Voltarei à questão do conteúdo adiante. Por ora, destaco que, podendo apresentar-se de diversas maneiras, o poético parece ter uma unidade, até mesmo

sem materialização alguma – conforme visto com Paz (1982). Conjecturo poder chamar essa unidade da poesia de voz, termo que aparece na conversa entre os poetas, na continuidade da reflexão que fazem sobre a diferença entre a poesia e a intenção de quem escreve:

Rubem: Mas Adélia, isso que você tá dizendo [...] sobre esse... vamos dizer, poema... *O Cummings diz isso: poema não é fazer, é ser...* É uma coisa que simplesmente acontece... E aí então, *isso aí nos conduz a uma temática {...} do autoconhecimento...* Quer dizer: “quem sou eu?”, quando você descobre que a voz poética não é a voz sua, mas é uma voz que habita em você [...] E daí vem essa coisa curiosa [...] O poema... Eu diria... Abre um espaço... Como na catedral gótica [...]: é o conjunto de paredes e vitrais... mas é o espaço vazio que é aberto... que é nesse espaço vazio que alguma coisa vai acontecer...

Adélia: “A palavra foi inventada para ser calada...”.

Rubem: Calada... e há um espaço de silêncio, pra quê? *Pra você ouvir uma outra voz.*

Adélia: É. A voz que interessa.

Rubem: A voz que diz a verdade...

Adélia: A voz propriamente dita. O verbo! Pra você escutar o verbo (BATE-PAPO, 2017).

A partir da lembrança de que Jesus é chamado de Verbo no Evangelho de João, Adélia Prado e Rubem Alves conversam sobre a própria figura de Jesus: a ideia de Deus ter um corpo, uma limitação dada por uma fisicalidade. No diálogo entre os poetas, é possível perceber que o Verbo, a figura de Jesus e a Voz se confundem: parecem estar falando, metaforicamente, ou não, do mesmo ser.

O que aqui interessa, porém, é o que se pode depreender das relações tecidas na conversa entre os poetas: apontar para a poesia enquanto uma voz, portadora de uma unidade, de uma especificidade própria, é apontá-la como uma corporeidade distinta de quem reclama sua autoria (e de suas intenções racionais). Com isso, não se quer afirmar que não há racionalidade, mas tão somente que ela é insuficiente para e na poesia.

Diante da relação voz – escuta – ouvidos, retomo ainda a reflexão sobre o tempo a partir dos postulados de Walter Benjamin, pela sua noção de história, que possui, segundo Otte (1996), um caráter poético. Na perspectiva benjaminiana, para emergir uma historicidade poética é essencial aprender a ouvir: “a tarefa do

sujeito ‘modesto’ na verdade é aparentemente simples, limitando-se a registrar este sopro e em dar ouvido a estas vozes que veiculam um ‘apelo’ vindo do passado” (OTTE, 1996, p. 216).

Nesse sentido, cabe fazer uma digressão e completar que, na concepção heideggeriana, o elemento criativo – a inauguração promovida pelo poético, que nos remove da habitualidade – não deve ser compreendido como uma indeterminação sem fundo, mas como uma busca de água à fonte, imagem que, conforme vimos, aparece também na conversa entre Rubem Alves e Adélia Prado (possivelmente, não por acaso).

Desse modo, no entendimento de Heidegger (2002, p. 82), o poético “vem do nada, se considerarmos que não toma o seu dom daquilo que é comum e que tem valido até agora. No entanto, não vem nunca do nada, na medida em que o que é lançado por meio dele é apenas a determinação retida do aí-ser histórico ele mesmo”.

O que se ressalta, desses desdobramentos, é o ir além do que já está posto, inclusive, nos modos de compreender o mundo e também de se fazer história. Talvez, seja possível afirmar que além da insuficiência da racionalidade, o que a voz da poesia promove é a condução a um desarranjo – e quiçá esfacelamento – das racionalidades prévias, estabelecidas (o que abrange inclusive as concepções dogmáticas que perpassam a religiosidade cristã).

Poesia e política

A palavra desarranjo remete, por sua vez, à política. Isso porque a política é tema que aparece na conversa entre Rubem Alves e Adélia Prado a partir da menção ao desarranjo operado pelo processo de autoconhecimento, que implica uma experiência corporal da poesia:

Rubem: Ô Adélia, nós falamos sobre a questão da palavra... Há uma palavra que evidentemente não é poética. [...] O que distingue essa palavra? {...} *Como é que a palavra se encarna? Não é essa que é a palavra poética? A palavra poética não é essa que faz contato com a carne? {...}*.

Adélia: É... porque a nossa experiência [...] é corporal... Tudo em mim passa pelo corpo.

Rubem: Passa ou é?

Adélia: Passa ou... Até a consciência é espacializante, né? Eu acho que é... Não passa... É... Porque não dá pra distinguir... O homem pensante tem um... O eu sou isso aqui!

Rubem: *Toda matéria é espírito...*

Adélia: *Isso... E... ah! Clarice tem uma coisa fantástica, ela fala assim...: “e foi tão corpo, que foi puro espírito”... Tá vendo que coisa louca? [...] (BATE-PAPO, 2017).*

Antes de aprofundar o tema da política, considero necessário destacar, primeiro, a menção à “matéria e espírito”, pois quanto às discussões sobre forma e conteúdo, que questionam a estrutura da poesia – o que nela é cabível, o que nela deve haver – lembro do que postula Lotman (1978, p. 40): “Para se representar concretamente a relação entre a ideia e a estrutura, é mais cômodo imaginar-se a ligação da vida com o mecanismo biológico complexo do tecido vivo. A vida que forma a propriedade principal do organismo vivo é impensável fora da sua estrutura física”.

Daqui, é possível postular que a unidade da poesia, sua voz, é a própria humanidade, em um sentido próximo daquele registrado por Paz (1982, p. 180): “A poesia não é uma opinião nem uma interpretação da existência humana. Aquele que fornece o ritmo-imagem expressa simplesmente o que somos; é uma revelação de nossa condição original [...]”.

Sobre essa nossa condição original, Paz (1982, p. 181) disserta: “Desde o nascimento, nosso viver é um permanente estar no estranho e no pouco hospitaleiro, é um radical mal-estar. Estamos mal porque nos projetamos no nada, no não ser. [...] a falta é nossa condição original porque originariamente somos carência de ser”.

É a partir desse contato com o ser, conforme adiantei, que a política aparece de modo mais destacado na conversa entre os poetas. Postulo, por esse entremeio, que a política da poesia é marcada não por imposição de conteúdos e certezas, mas por projeção de carências:

Rubem: Ô Adélia... Essa conversa sobre *poesia pode parecer completamente fora de propósito para as pessoas que têm orientação no sentido da ação, né [...]*. E muitos poetas acham que a ação começa exatamente na poesia, né? [...] *E essa ideia meio maluca de uma política derivada da beleza né? [...]*.

Adélia: Eu acredito que a poesia, *um poema é nele mesmo uma expressão política no sentido de que, ele sendo a revelação do real, ele já nasce engajado*. [...] não tem nada que me deixa mais plantada no

real do que a própria poesia [...] a palavra poética me desvenda a realidade, né... [...] Então, toda prática política que não estiver plantada, na sua origem, não estiver engajada no ser, ela é inócua, quer dizer, ela trabalha na areia, no vazio. Então, *a coisa mais política que eu posso fazer é conduzir as pessoas ao próprio conhecimento de si mesmas, ao conhecimento do real* [...] Quer dizer, a poesia pode fazer isso, a educação pela palavra [...]. Não é instrumentalizá-la [...] “agora eu vou dar uma aula de política através da poesia”, não se trata disso... Mas a própria experiência de natureza poética me planta no real e à medida que eu estou plantada no real, eu sou conseqüentemente levada a fazer abaixo assinado, a fazer greve, a ir pra praça, tá, tá, tá... Não é o contrário, não. Então, se eu educo uma pessoa para a prática política sem conduzi-la à origem do seu ser, eu tô trabalhando na areia, é castelo na areia. Por isso que você vê que, muitas vezes, as revoluções e os revolucionários... caem numa frustração assim, numa frustração suicida, por causa disso, porque fez a revolução e agora? E agora? Mas acabou a minha razão de viver... Então a razão de viver minha não pode ser uma luta política [...] Ela tem que ser simplesmente consequência já de estar plantado na realidade, de estar aberto pro real. É o contrário.

Rubem: [...] Você veja, Adélia, normalmente, quando você tá em grupos de ação política, a coisa começa geralmente na análise de conjuntura. Como se a ação política crescesse da análise objetiva do que que tá acontecendo aqui na trama... Você tá propondo... A poesia estaria propondo que há uma profundidade maior a partir da qual a gente teria que partir...

Adélia: A poesia manda descobrir como é que faz fermento...

Rubem: [...] Quer dizer, na realidade, a gente tem que lidar com o segredo da alma humana... [...] (BATE-PAPO, 2017).

Os poetas falam um pouco mais sobre o que chamam de a verdadeira revolução: ser feliz. Para eles, ser feliz é que é difícil. O que me remete, irremediavelmente, à antropofagia como poesia e como política, nas palavras de Silva (2007, p. 168): “capaz de realizar a comunhão entre o homem, os seres, os objetos, o cosmos”, e que, portanto, pode “transformar o mundo, por meio da transformação do indivíduo, bocado a bocado” (idem, p. 171). Impossível, diante dessa lembrança, reter o lançamento à alegria, prova do processo antropofágico e “da verdadeira revolução”, talvez fecunda porque jamais definitiva.

Livres associações

Para encerrar o bate-papo, Rubem pergunta à Adélia se ela já encontrou uma palavra, única, que contivesse tudo que sente. Em resposta, a poetisa recita “Antes do Nome” (PICHIGUELLI, 2019a), poema escrito por ela que contém a frase: “Quem entender a linguagem entende Deus. (...) Morre quem entender”.

Logo depois, em direção à câmera, Rubem incita considerações:

Rubem: Ao final a gente se pergunta, né, quais são as conclusões... Não há conclusões, porque a poesia nunca conclui nada, a poesia não é a conclusão de um mundo, a poesia é sempre o início de um mundo. E a poesia só é fértil quando depois de dita, ela gera, ela produz uma semente [...]. Então, nesse momento, o que a gente quer dizer é que a partir dessa meditação poética o que se espera é que haja um engravidamento e um brotar de poesia em quem participou conosco dessa experiência, da mesma forma como a água brota no fundo da mina [...] (BATE-PAPO, 2017).

Empresto as palavras de Rubem Alves para afirmar que assim também são, aqui, as reflexões: não conclusões, mas início de mundos, de possibilidades compreensivas.

Nesse início, o que antevejo é que, das relações entre poesia e cristianismo, ao contrário do que se pode imaginar, é possível enxergar como limites aqueles que se colocam em oposição aos dogmatismos, aos fechamentos, aos totalitarismos, às dominações – e que tendem sempre a uma habitualidade que desgasta os sentidos, as palavras, e a própria vida humana.

A fonte, a falta, a voz, o ser, o corpo em suas carências e desejos; todos esses elementos fazem pensar que poesia e religiosidade cristã se abraçam pela experiência (saber que se cria e se transforma pelas relações temporais), pelo lugar que possuem na vida cotidiana enquanto chão de uma busca incessante, e não nas organizações institucionais que anunciam o fim das buscas e uma transcendência abstrata que abdica do próprio chão da vida.

A poesia – não como forma literária, mas como essência da arte – não é, pois, um objeto a ser controlado politicamente para transmitir algum ideal fixo, ou uma arma de guerra cultural. Parece ser, pelo contrário, expoente da rebeldia, pois escapa sempre à manipulação, deixa cada ser humano em sua condição de falta: uma fome que, entretanto, excita e traz alegria, pois que propicia constante transformação.

Partindo da poesia, não é possível uma verdade cabal, a ser imposta às coletividades, tampouco uma (suposta) realidade hermética que deve ser

conservada e colocada acima de tudo e de todos. Avessamente, o poético remete a um brotar, a um gerar, a um gestar, a um fermentar, que mesmo em suas imagens nunca se faz completo, acabado ou taxativo. Não há, pois, interditos temáticos, apenas suspensão de tudo quanto suspende e, ainda, de tudo quanto retém o senso de humanidade: da carência de ser, do estar-aí, aberto, em um mundo aberto.

Há, assim, uma via aberta às relações entre cristianismo e poesia, esta que não se rende a usos políticos que diminuem e sufocam o real, ao invés de abri-lo. Essa potência comunicadora, entretanto, parece escassa nas mediações sociais, nas visibilidades midiáticas. É necessário, portanto, jogar luz sobre suas perspectivas e inseri-las nessas mediações, do que também não pode se abster o fazer científico. Este ensaio, que procurou não fragmentar ciência, arte e técnica, se coloca nesse processo, como colaboração.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Obras escolhidas, v. 3. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: O Ser Humano como um Projeto Infinito**. São Paulo: Lumensana Publicações Eletrônicas: Sextante, 1992.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1.ed. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

DRAVET, Florence. **Crítica da razão metafórica: magia, mito e poesia na cultura contemporânea**. Brasília: Casa das Musas, 2014.

DUTRA, R.; PESSÔA, K. Guerras culturais e a relação entre religião e política no Brasil contemporâneo. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 13, n. 39, p. 233-256, 4 dez. 2020.

FLUSSER, Vilém. Criação científica e artística. *In*: **Conferência na Maison de la Culture**, França, 1982. Disponível em: <<http://flusserbrasil.com/art209.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

HEIDEGGER, Martin. A Origem da Obra de Arte. *In*: HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Calouste-Gulbelkian, 2002. p. 5-88.

KÜNSCH, Dimas A. *et al.*. Princípios inspiradores da compreensão como método. *In*: KÜNSCH, Dimas A; DIAS, Everton de Brito; PASSOS, Mateus Yuri; FERNANDES, Paulo Emídio; BRITO, Pedro Torres Debs (orgs.). **Produção de Conhecimento e Compreensão**. 1 ed. São Paulo: UNI, 2017. p. 9-16.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

MARTINO, Luís Mauro Sá Martino. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

NUNES, Benedito. **Passagem para o Poético**. São Paulo: Ática, 1986.

OTTE, Georg. Rememoração e citação em Walter Benjamin. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 211-223, out. 1996. Disponível em: <https://bit.ly/2k23NRB>. Acesso em: 17 out. 2019.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PICHIGUELLI, Isabella. Adélia Prado – Antes do nome. **YouTube**, 16 out. 2019a. Disponível em: <https://bit.ly/2OOiMLU>. Acesso em: 08 fev. 2021.

PICHIGUELLI, Isabella. **Para além do gospel e secular: antropofagia, jornalismo e a popstora Baby do Brasil**. Alumínio, SP: Jogo de Palavras; Votorantim, SP: Provocare Editora, 2019b.

PICHIGUELLI, Isabella; SILVA, Míriam Cristina Carlos. Comunicação, poesia e o religare. **Revista Comunicologia**, Brasília, v. 10, p. 3-18, 2017.

BATE-PAPO poético entre Rubem Alves e Adélia Prado. [S. l.: s. n.], 2017. Publicado pelo canal andreresende. Disponível em: <https://bit.ly/2nKxqst>. Acesso em: 08 fev. 2021.

SILVA, Míriam Cristina Carlos Silva. **Comunicação e Cultura Antropofágicas: mídia, corpo e paisagem na erótico-poética oswaldiana**. Porto Alegre - Sorocaba: Sulina - EDUNISO, 2007.

SILVA, Míriam Cristina Carlos. **A pele palpável da palavra: a comunicação erótica em Oswald de Andrade**. Sorocaba: Provocare, 2009. SILVA, Míriam Cristina Carlos. A comunicação como artifício: Uma leitura sobre Vilém Flusser. *In*: MARTINO, L. C.; FERREIRA, G. M.; HOHLFELDT, A.; MORAES, O. J. de (orgs.). **Teorias dos meios de comunicação no Brasil e no Canadá**, Volume I. 1. ed., Salvador: EDUFBA, 2013, v. 1, p. 45-65.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; HERGESEL, João Paulo; PICHIGUELLI, Isabella. Poéticas do tempo na obra de João Anzanello Carrascoza: narrativa e estilo em Tempo Justo. **Revista InTexto**, São Paulo, v. 49, p. 1-17, 2020.